

## FUNCIONALISMO LINGÜÍSTICO: ABORDAGENS SOBRE A FORMA E A FUNÇÃO NA PESQUISA LINGÜÍSTICA

*Linguistic functionalism: approaches to form and function in linguistic research*

*Funcionalismo lingüístico: enfoques de forma y función en la investigación lingüística*

Rosangela Barros da Silva<sup>1</sup>  

Recebido: 19/09/2024  
Aprovado: 29/11/2024

**Resumo:** Este artigo mostra um panorama geral sobre o paradigma funcionalista na pesquisa linguística, apresenta as principais escolas funcionalistas, suas abordagens teórico-metodológicas e a interface com a sociolinguística. O objetivo é fornecer uma visão geral sobre o funcionalismo linguístico e suas interações com a análise social da língua. De maneira concisa, define o termo "funcionalismo linguístico" e traça sua evolução desde Saussure e Jakobson até autores contemporâneos, abordando as contribuições das escolas funcionalistas francesa, inglesa, holandesa e norte-americana e o seu desenvolvimento no Brasil. O funcionalismo linguístico se destaca por ser uma abordagem que considera a língua como um instrumento de comunicação e interação social, enfatizando a importância das funções linguísticas em contextos específicos. A interface com a sociolinguística envolve analisar a língua em uso em diferentes níveis linguísticos e ambas as abordagens reconhecem que a língua não é um sistema isolado, mas, interligada com o contexto e as relações sociais em que é usada.

**Palavras-chave:** Escolas funcionalistas; Funcionalismo; Linguística; Sociolinguística.

**Abstract:** This article provides an overview of the functionalist paradigm in linguistic research, presents the main functionalist schools, their theoretical-methodological approaches, and the interface with sociolinguistics. The aim is to provide an overview of linguistic functionalism and its interactions with the social analysis of language. Concisely, it defines the term "linguistic functionalism" and traces its evolution from Saussure and Jakobson to contemporary authors, addressing the contributions of the French, English, Dutch, and American functionalist schools and its development in Brazil. Linguistic functionalism stands out for an approach that considers language as an instrument of communication and social interaction, emphasizing the importance of linguistic functions in specific contexts. The interface with sociolinguistics involves analyzing the language in use at different linguistic levels and both approaches recognize that language is not an isolated system, but interconnected with the context and social relations in which it is used.

**Keywords:** Functionalist schools; Functionalism; Linguistics; Sociolinguistics.

**Resumen:** Este artículo muestra un panorama general del paradigma funcionalista en la investigación lingüística, presenta las principales escuelas funcionalistas, sus enfoques

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Linguísticos no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: rosangelabsilva@academico.ufs.br

teórico-metodológicos y la interfaz con la sociolingüística. El objetivo es proporcionar una visión general del funcionalismo lingüístico y sus interacciones con el análisis social del lenguaje. De manera concisa, define el término "funcionalismo lingüístico" y rastrea su evolución desde Saussure y Jakobson hasta autores contemporáneos, abordando las contribuciones de las escuelas funcionalistas francesa, inglesa, holandesa y norteamericana y su desarrollo en Brasil. El funcionalismo lingüístico destaca por ser un enfoque que considera el lenguaje como un instrumento de comunicación e interacción social, enfatizando la importancia de las funciones lingüísticas en contextos específicos. La interfaz con la sociolingüística implica analizar la lengua en uso en diferentes niveles lingüísticos y ambos enfoques reconocen que la lengua no es un sistema aislado, sino interconectado con el contexto y las relaciones sociales en las que se utiliza.

**Palabras-clave:** Escuelas funcionalistas; Funcionalismo; Lingüística; Sociolingüística.

## 1 Introdução

Na pesquisa linguística, o funcionalismo é uma perspectiva teórico-metodológica que compreende a língua como um instrumento de interação social, destacando suas funções comunicativas em contextos específicos. Essa abordagem emergiu com a consolidação da Linguística como a ciência da linguagem, especialmente a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure, no início do século XX, que definiu a língua como uma instituição social. Na década de 1920, o Círculo Linguístico de Praga exerceu um papel fundamental no desenvolvimento do funcionalismo linguístico, ao enfatizar a relação entre a estrutura da língua e seu uso comunicativo, influenciando as escolas funcionalistas europeias e norte-americanas.

Diferente do formalismo linguístico, que concebe a língua como um objeto autônomo, independente de seus usos em situações reais de comunicação, o funcionalismo linguístico compreende a língua como uma estrutura maleável, moldada pela interação e considera a realidade social da língua em uso (Martelotta e Alonso, 2012, p. 88). Essa perspectiva se consolidou no desenvolvimento dos estudos da linguagem, ao direcionar-se para uma abordagem mais abrangente e dinâmica dos fenômenos linguísticos, permitindo compreender não apenas a estrutura da língua, mas também como ela se adapta e evolui para atender às necessidades comunicativas sociais.

A partir disso, o objetivo deste trabalho é apresentar um panorama geral sobre o paradigma funcionalista, identificar as escolas que defendem o paradigma funcionalista e realizar uma abordagem concisa sobre o funcionalismo linguístico e a interface com a

sociolinguística. Considerando a linguagem como objeto de estudo, a língua como uma instituição social e adotando outra das concepções saussurianas, de que é o ponto de vista que cria o objeto, lançaremos nosso olhar para o conceito da língua como um instrumento de comunicação e de interação social.

Nesse processo de investigação, o termo funcionalismo abrange vários campos da pesquisa linguística sob o viés de uma abordagem teórico-metodológica direcionada para a observação de um determinado fenômeno linguístico. Nessa perspectiva, trataremos a linguagem não somente como função referencial denotativa da comunicação, mas também os modos de função no emprego da comunicação humana e a atuação da análise funcionalista em outras áreas dos estudos linguísticos.

Partindo de trabalhos realizados desde Saussure (2000) e Jakobson (1996) até alguns desdobramentos das análises de Martinet (Câmara, 1967), Givón (1979), Dik (1978, 1989: 5 *apud* Castilho, 2012, p. 19) e Halliday (2014), veremos as especificidades do termo "funcionalismo linguístico". Essa abordagem permite-nos analisar os fenômenos linguísticos por meio de deslocamentos de modos e funções, ampliando o campo de pesquisa e posicionando o objeto de estudo de acordo com a visão analítica. Com base nos estudos brasileiros da linha funcionalista, exploraremos as propostas de Ataliba T. de Castilho (2012), Martelotta e Alonso (2012), entre outros, a fim de examinar o desenvolvimento do funcionalismo nos estudos linguísticos no contexto nacional.

## **2 Funcionalismo linguístico: o paradigma**

Os estudos da linguagem, assim como os estudos das análises linguísticas, remontam à antiguidade. No entanto, a Linguística como ciência foi estabelecida no século XX a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure em sua célebre obra *Curso de Linguística Geral* (Saussure, 2000). Nesse trabalho, Saussure estabelece concepções inerentes à ciência da linguagem, as quais propõem uma visão sincrônica e diacrônica para os estudos linguísticos, a separação da língua e fala (*langue* e *parole*), os conceitos de significado e significante e as questões sobre sintagma e paradigma (Saussure, 2000).

Com a proposta de Saussure relacionada à arbitrariedade dos signos e identificando a língua como instituição social, a Linguística, que já observara as análises estruturais da

linguagem, direciona-se também para a análise da função dos fenômenos linguísticos. Desse modo, ao tratarmos do termo "funcionalismo linguístico", cabe salientar a relação entre formalismo e funcionalismo, pois, um não existiria sem o outro. Esses conceitos podem ser analisados tanto em oposição quanto em correlação, opção essa que preferimos adotar neste trabalho e de acordo com a referência, na concretização do processo da comunicação humana.

Tratar das concepções estruturais entre formalismo linguístico e funcionalismo linguístico seria, nesse caso, apresentar uma retrospectiva histórica de quase dois séculos de estudos, de teorias, análises, divergências e vertentes em torno do tema, portanto, deixaremos o aprofundamento das reflexões acerca do formalismo linguístico para um outro momento e nos atentaremos somente à abordagem sobre o funcionalismo linguístico. Mas, como definir um conceito extremamente complexo e abrangente? O que é, afinal, o funcionalismo linguístico?

A resposta é tão complexa como indica a própria pergunta. Primeiramente, cabe considerar a reflexão de Martelotta e Alonso (2012) com relação ao âmbito problemático acarretado por termos que carregam em si definições teóricas e propostas de análises constituídas de diferentes abordagens e que:

no caso do funcionalismo, o problema se agrava já que o termo, além de funcionar como rótulo para abordagens teóricas distintas (funcionalismo holandês, inglês, norte-americano etc.), também pode ser usado como uma expressão de alcance mais amplo oposta ao chamado formalismo, designativa de qualquer abordagem teórica que leve em conta que a função primordial da língua é a comunicação nas situações reais de interação entre os seres humanos (Martelotta; Alonso, 2012, p. 87).

Em segundo lugar, o desenvolvimento do funcionalismo linguístico é tão histórico quanto a própria ciência da Linguística, o que o torna sujeito a mudanças, a novas definições e a diferentes abordagens e análises. Essas transformações ocorrem conforme as bases teóricas evoluem, assim como o próprio campo do conhecimento, e as observações e as práticas são aliadas às circunstâncias dos usos linguísticos e suas funções no processo comunicativo. Além disso, a ampla gama de trabalhos realizados por autores como Jakobson, Martinet, Dik e Halliday, já citados anteriormente, juntamente com a significativa contribuição de Labov (2008) para os estudos sociolinguísticos, ressalta-se a importância de tratar a função linguística como o uso de elementos linguísticos em diferentes níveis.

Esses níveis abrangem os aspectos gramaticais, fonológicos, semânticos, textuais, discursivos e sociais, todos integrados e inerentes a, e para a, comunicação humana. Nessa perspectiva, podemos identificar que a visão funcionalista se destaca como um modelo de análise voltado para o estudo de fenômenos linguísticos e extralinguísticos. Esse é um modelo pressuposto por diferentes correntes da pesquisa linguística, sendo apresentado conforme os campos de interesse, os respectivos modos de abordagem e as especificidades linguísticas que se pretende investigar.

De acordo com as concepções de Dik (1978, *apud* Castilho, 2012, p. 21), o paradigma funcional define a língua como um instrumento de interação social, cuja função primordial é a comunicação. Nesse sentido, o correlato psicológico da língua é a competência comunicativa, e o estudo do sistema linguístico deve ocorrer no contexto dos usos linguísticos. A descrição dos elementos linguísticos de uma língua, portanto, deve estabelecer pontos de contato com o contexto em que ocorrem, enfatizando as correlações entre forma e função.

Além disso, sob o paradigma funcional de Simon Dik (1978), a língua é vista como um instrumento de interação social e a criança descobre o sistema subjacente à linguagem e ao uso linguístico por meio de *inputs* de dados linguísticos. Assim, os universais linguísticos são considerados inerentes às finalidades da comunicação, à constituição dos usuários da língua e aos contextos de uso. Nesse modelo, a "Pragmática é a moldura dentro da qual a Semântica e a Sintaxe devem ser estudadas; a Semântica é dependente da Pragmática e as prioridades vão da Pragmática para a Sintaxe via Semântica" (Castilho, 2012, p. 21).

Para além dessa reflexão, verificamos que não há apenas um paradigma funcionalista, mas paradigmas realizados em concordância com o ponto de vista de múltiplas teorias, diferentes fenômenos e formas de análise.

### **3 Escolas funcionalistas: abordagens teórico-metodológicas**

Anterior ao *Curso de Linguística Geral*, de Saussure, os estudos linguísticos estavam restritos às análises sob o âmbito da linguística histórica indo-europeia e, portanto, centrado nos estudos normativos, prescritivos e recorrendo à filosofia da linguagem da antiguidade grega. Com o surgimento da linguística como campo da ciência, da concepção

teórica e da organização da metodologia, emergiram importantes centros de pesquisa, tais como o Círculo Linguístico de Moscou, iniciado pelos formalistas russos e por Roman Jakobson e o Círculo Linguístico de Praga, formado por Roman Jakobson, Nicolai Trubetzkoy e Serge Karcevsky.

Esses Círculos perceberam, cientificamente, tanto os aspectos formais como os sistemas funcionais da língua. A Linguística tornou-se, também, uma ciência da análise funcionalista. Posterior aos legados desses Círculos Linguísticos, diversos estudos visando à análise das funções da linguagem se desenvolveram na Europa e, por conseguinte, o surgimento das escolas funcionalistas, como a francesa, tendo seu principal expoente André Martinet, a escola inglesa com os estudos de Halliday e o grupo holandês por Simon Dik. Os estudos funcionalistas dos Estados Unidos têm em sua instituição Talmy Givón, W. Chafe e S. Thompson, entre outros.

### 3.1 Círculo Linguístico de Praga

Situando-se na primeira metade do século XX, o Círculo Linguístico de Praga influenciado pela dicotomia saussuriana de *langue* e *parole* debruçou-se sobre os estudos do sistema interno da língua sob o ponto de vista da lógica interna do sistema. Além disso, os linguistas do Círculo adotaram a concepção da língua como um sistema funcional. Pela observação exposta por Kenedy e Martelotta (2003, p. 18), os teóricos de Praga utilizaram uma noção teleológica de função, no sentido de que a língua deve ser entendida como um sistema funcional e utilizada para um determinado fim. Essa perspectiva, fortemente influenciada por Ferdinand de Saussure e seu *Curso de Linguística Geral*, permitiu analisar a língua como um sistema complexo de relações, no qual os significados emergem das interações entre seus elementos.

Nesse contexto, o conceito de "função" tornou-se central e compreendido de forma ampla e polissêmica, abrangendo tanto as relações estruturais entre os elementos quanto seus papéis no processo comunicativo. Dessa forma, a língua passou a ser vista como um sistema dinâmico, orientado para alcançar objetivos específicos na comunicação. Entre os membros mais expoentes do Círculo Linguístico de Praga destacaram-se Roman Jakobson, Nicolai Trubetzkoy e Serge Karcevsky, e, segundo Lepschy (1971:101 *apud* Kenedy e Martelotta,

2003, p. 21), Jakobson e Martinet são "os dois herdeiros mais importantes, no pensamento linguístico internacional, da Escola de Praga."

Ao enfatizar a interação entre a estrutura da língua e seu uso comunicativo, o legado do Círculo Linguístico de Praga influenciou diretamente o desenvolvimento do estruturalismo linguístico e a consolidação de uma abordagem funcionalista nos estudos da linguagem. A influência desse grupo impactou significativamente diversas escolas de pensamento na Europa e nos Estados Unidos, cujas contribuições foram fundamentais para o estabelecimento da linguística como ciência e para o surgimento de novas correntes científicas como o funcionalismo linguístico e a sociolinguística.

### **3.2 Escolas funcionalistas europeias, norte-americana e estudos funcionalistas no Brasil**

ESCOLA FUNCIONALISTA FRANCESA: influenciada pelas teorias sobre "função", oriundas do Círculo de Praga, tem como seu representante principal André Martinet. Martinet, que também foi integrante do Círculo Linguístico de Praga, emprega um modelo funcionalista dos aspectos da sintaxe, propondo ainda a dupla articulação da linguagem. Segundo Carvalho (1979), a teoria da dupla articulação é uma importante contribuição funcionalista ao demonstrar que os fonemas estabelecem relações paradigmáticas na memória do falante e, no discurso, formam relações sintagmáticas. Com esses princípios, Martinet direciona a visão funcionalista também aplicável à Sintaxe, distinguindo os Monemas Funcionais das Modalidades ou Modificadores.

De acordo com as reflexões de Carvalho (1979, p. 69), Martinet reconhece que a tarefa prioritária para o linguista é o estudo da função, pois a análise da função da língua e das funções dos elementos linguísticos é pré-requisito para a abordagem da estrutura e, assim, analisar a estrutura como complemento lógico da função. Essas teorias apresentadas por Martinet foram objetos de estudo de outros centros de pesquisa linguística e tornaram-se referência de um modelo de análise sintática funcionalista.

ESCOLA FUNCIONALISTA INGLESA: é representada, principalmente, pela relevante contribuição dos estudos de Firth e de Halliday para a linguística funcional, entre outros estudos. Alguns aspectos do trabalho de Halliday (2014) são observados pelo viés da teoria sistêmica, ou seja, as línguas evoluem, os sistemas evoluem e, por isso, devem ser

explicados como um todo. Além dessa abordagem, são observadas as dimensões da linguagem, as formas de ordenação na linguagem, a estrutura, de ordem sintagmática, os sistemas, de ordem paradigmática, a estratificação, instanciação e a metafunção. Propõe os princípios de ordenação, tais como lexicogramática, fonologia, semântica, fonética, o tipo de instância, potencial ou subpotencial, e as metafunções ideacional, lógico-experimental, interpessoal e textual. Com esses aspectos teórico-metodológicos, Halliday desenvolve a Gramática Sistêmico-Funcional, a qual considera o uso e o contexto da linguagem.

**ESCOLA FUNCIONALISTA HOLANDESA:** representada especialmente por Anton Reichling e Simon Dik, aborda a teoria funcionalista considerando a gramática do ponto de vista funcional. De acordo com Kenedy e Martelotta (2003, p. 21), para Dik, a linguística funcionalista interessa-se principalmente pelos processos relacionados ao êxito dos falantes ao se comunicarem por meio de expressões linguísticas. Simon Dik estabelece, a partir de seus estudos linguísticos, a gramática funcional que considera, dentre outros aspectos, a teoria funcional da sintaxe e da semântica. Atualmente, desenvolvem-se estudos da gramática cognitivo-funcional, por Hengeveld e Mackenzie (2006; 2008 *apud* Martelotta e Alonso, 2012, p. 96), a Gramática Discursivo-Funcional é também linha de pesquisa de Hengeveld e Mackenzie, e, a proposta de Foley e Van Valin sobre a gramática do papel e da referência.

**ESCOLA FUNCIONALISTA NORTE-AMERICANA:** o funcionalismo nos Estados Unidos é representado principalmente por Talmy Givón, W. Chafe e S. Thompson, Hopper, Traugott e Heine, entre outros. Dentre as extensas pesquisas linguísticas funcionalistas norte-americanas e, de acordo com os estudos de Givón, se desenvolve a visão funcionalista da linguagem como atividade sociocultural, cuja estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas e, por essa razão, caracteriza-se por uma dinamicidade constante que resulta da criatividade dos usuários da língua em adaptar sua fala aos diferentes contextos de comunicação (Martelotta e Alonso, 2012).

Nessa perspectiva, ao considerar a dinâmica da interação, o contexto de uso da fala e a teoria da gramaticalização, a visão funcionalista direciona-se para a situação social do discurso, abrindo caminho para outras linhas de pesquisa como a Análise do Discurso, a Análise Crítica do Discurso, A Teoria da Variação e a Mudança Linguística. Essas

abordagens influenciaram, e influenciam, consideravelmente as pesquisas funcionalistas no Brasil.

ESTUDOS FUNCIONALISTAS NO BRASIL: iniciados na década de 1970, são representados por Evanildo Bechara, Hoyos-Andrade, Ataliba T. de Castilho, Maria Helena de Moura Neves, Sebastião Votre, Julius Naro, Mário Martelotta, Rodolfo Ilari, entre outros, e influenciados pelos estudos de Martinet, Coseriu, da Escola de Praga, do funcionalismo holandês, inglês e norte-americano (Neves, 1999). No Brasil, grupos de pesquisas no campo do funcionalismo linguístico têm-se concretizado amplamente em vários núcleos científicos, os quais abordam os aspectos semânticos, sintáticos, gramaticais, de gramaticalização, pragmáticos, textuais, de contexto e do discurso sob a visão funcionalista da linguagem e em diferentes linhas de pesquisa. A abordagem do estudo da língua dentro do contexto social é processo de investigação do funcionalismo, assim como no campo da pesquisa Sociolinguística.

#### 4 Do funcionalismo linguístico à pesquisa funcionalista

As questões relacionadas com o funcionalismo linguístico avançaram em consonância com a própria ciência linguística e, conseqüentemente, esse termo abarcou uma amplitude significativa desde a sua concepção inicial. Ataliba T. de Castilho (2012) caracteriza as tradições formalista e funcionalista, com referência nas afirmações de Dik (1978, 1889:5 *apud* Castilho, 2012, p. 19), considerando os resultados do movimento funcionalista da segunda metade do século XX, e nos fornece a seguinte observação:

Formalismo: A língua é um conjunto de orações, cujo correlato psicológico é a competência, isto é, a capacidade de produzir, interpretar e julgar a gramaticalidade das orações. Segue-se que as orações devem ser descritas independentemente de sua localização contextual, e a Sintaxe é autônoma com respeito à Semântica e à Pragmática. Diferentes graus de idealização dos dados podem ser considerados, sendo indispensável seguir considerando uma Língua I distinta de uma Língua E (Castilho, 2012, p. 19).

Com relação ao funcionalismo, Castilho, na mesma fundamentação, apresenta a seguinte organização teórico-descritiva:

Funcionalismo: A língua é um instrumento de interação social, cujo correlato psicológico é a competência comunicativa, isto é, a capacidade de manter a interação por meio da linguagem. Segue-se que as descrições das expressões linguísticas devem proporcionar pontos de contacto (*sic*) com seu funcionamento em dadas situações. O discurso é um marco globalizador, dentro do qual se deve estudar a Semântica e a Sintaxe (Castilho, 2012, p. 19).

Diante do exposto acima, cabe reconhecer que o funcionalismo linguístico se tornou paradigma para diversos estudos internos da língua, transpondo-se para a sintaxe funcionalista, gramática funcionalista, semântica funcionalista, abrangendo ainda os estudos da Gramática e da Pragmática. Nesse sentido, o funcionalismo linguístico estuda ainda o componente social da língua ao selecionar o objeto discursivo, semântico e o contexto no meio ambiente no qual ocorre a concretização da fala como discurso e interação social.

Essa contextualização permite observar e analisar as formas e as funções da linguagem, as estruturas da língua e a organização do discurso, demonstrando que o funcionalismo linguístico se efetiva dentro de uma perspectiva da pesquisa funcionalista da linguagem. Isso conduz aos estudos sobre os conceitos básicos para o estudo da língua (*basic concepts for the study of language*), de Halliday (2014), nos quais observamos uma profunda discussão relacionada às questões teóricas da língua, como texto e sistema, som, escrita e enunciação. Nessa acepção, a estrutura das diferentes formas da língua é observada por meios gramaticais em termos funcionais, ou seja, como a língua cria e manifesta significado (Halliday, 2014). Portanto, o funcionalismo é um modelo de abordagem de diversos fenômenos da linguagem que investiga as relações e as funções das estruturas da língua, fixando-se no campo da pesquisa linguística.

## **5 Funcionalismo e sociolinguística: interfaces da pesquisa linguística**

As interfaces entre funcionalismo linguístico e sociolinguística são importantes processos analíticos no desenvolvimento da pesquisa linguística. Uma abordagem sociolinguística variacionista concentra seus estudos na língua em uso, nos aspectos sociais da diversidade e da variação linguística, e, como as variações na língua estão associadas a diferentes estruturas sociais e linguísticas dentro de uma comunidade de fala. Essa abordagem busca compreender o desenvolvimento de fenômenos linguísticos e suas

estruturas em um contexto social mais amplo, considerando "a língua tal como usada por falantes nativos comunicando-se uns com os outros na vida diária" (Labov, 2008, p. 216).

Nesse sentido, o funcionalismo, pelo viés da sociolinguística, possui algumas especificidades de aproximação, porém, com diferentes tipos de abordagens. Essas interfaces podem ser verificadas, por exemplo, em pressupostos funcionalistas encontrados nos conceitos básicos para o estudo da língua na gramática funcional de Halliday (2014), onde destaca que:

We use language to make sense of our experience, and to carry out our interactions with other people. This means that the grammar has to interface with what goes on outside language: with the happenings and conditions of the world, and with the social processes we engage in. But at the same time it has to organize the construal of experience, and the enactment of social processes, so that they can be transformed into wording.<sup>2</sup> (Halliday, 2014, p. 25).

Na concepção apresentada por Halliday (2014), admite-se o uso da língua no processo de construção de sentido e de interação pessoal. Adicionalmente, a gramática deve fazer interface com o exterior à língua, com os acontecimentos, as condições do mundo e os processos sociais. Halliday também argumenta que é necessário, ao mesmo tempo, organizar essa interpretação da experiência e o estabelecimento dos processos sociais para que sejam transformados em enunciados. Ressalta-se, portanto, a necessidade de a gramática fazer interface com a realidade social, integrando a experiência humana e os processos sociais à estrutura linguística.

Nessa perspectiva, é possível observar uma convergência entre os dois modelos de pesquisa linguística. O funcionalismo linguístico contextualiza a língua na realidade social em que ocorre a interação verbal, cujas representações estruturais são analisadas (Castilho, 2012). A abordagem sociolinguística, especialmente a variacionista, foca na língua em uso e nas variações linguísticas dentro de diferentes contextos sociais (Labov, 2008). Como resultado, as diferenças no uso da língua entre diversos grupos sociais e contextos são vistas como parte natural do desenvolvimento linguístico, influenciadas por fatores sociais,

---

<sup>2</sup> (Nós usamos a língua para dar sentido à nossa experiência e para realizar nossas interações com as outras pessoas. Isso significa que a gramática tem que fazer interface com o que se passa fora da língua: com os acontecimentos e as condições do mundo e com os processos sociais no qual nos envolvemos. Mas, ao mesmo tempo, ela precisa organizar a interpretação da experiência e o estabelecimento dos processos sociais, de modo que possam ser transformados em enunciado.) Tradução Nossa.

econômicos e culturais. Apesar de enfoques distintos, ambas as abordagens compartilham a preocupação com a análise da língua no contexto social.

Como vemos, esses modelos teóricos-metodológicos buscam entender a linguagem como um fenômeno dinâmico e adaptativo moldado pelas interações sociais e pelos contextos em que a língua é usada. Nesse sentido, Freitag (2011) explica que a definição dos fenômenos linguísticos e a correlação entre esses aspectos revelam como os falantes utilizam as formas linguísticas para atender às necessidades comunicativas sociais, e, tratar de fenômenos linguísticos e lidar com a análise da diversidade de usos da língua, tanto em termos de forma quanto em termos de função, exige reflexões e decisões metodológicas cuidadosas no fazer da pesquisa linguística.

## 6 Considerações finais

Uma abordagem teórico-descritiva a respeito do paradigma funcionalista, das escolas funcionalistas e da interface entre o funcionalismo linguístico e a sociolinguística foi sucintamente aqui apresentada. Ao longo das pesquisas no campo da Linguística, destacam-se correntes científicas que abordam objetos de estudos e pontos de vistas distintos, métodos e processos de análise específicos. A noção de funcionalismo é multidirecional. Essa noção faz produzir a instauração de modelos de análise que implicam na observação, análise e compreensão de elementos linguísticos, extralinguísticos e dos componentes de situações e fatores sociais. Esses elementos, sendo eles semânticos, sintáticos, fonéticos, fonológicos, morfossintáticos, pragmáticos ou discursivos são parte do mecanismo do evento comunicativo.

Funcionalismo e sociolinguística compreendem determinadas proximidades de interfaces e permitem-nos conhecer os processos de instauração e de mudança da linguagem em múltiplos aspectos da língua. Trata-se de modelos que compartilham concepções teóricas em suas especificidades, cada um estabelecendo uma abordagem distinta e de acordo com seus pressupostos científicos. Esses dois modelos, portanto, compartilham estudos sobre a forma e a função por diferentes ângulos de abordagem e contribuem sistematicamente para a evolução da pesquisa linguística, oferecendo uma visão integrada da linguagem e uma compreensão mais ampla dos fenômenos linguísticos e sociais.

## 7 Referências

- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteira**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008. v. 1.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso, 1967. **O estruturalismo linguístico**. Tempo Brasileiro 15/16: 5-43.
- CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1979.
- CASTILHO, Ataliba de. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, E. R. (Org.). **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. v. 1. São Paulo: Contexto, 2012. p. 17-42.
- DIK, Simon Cornelis. **Gramática Funcional**. Tradução: Leocadio Martin Mingorance; Fernando Serrano Valverde. Madrid: Soc. Gen. Española de Librería, 1978.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. Variação em categorias verbais: correlações entre forma e função. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, [S. l.], v. 40, n. 2, p. 1121–1132, 2016. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/1365>. Acesso em: 5 set. 2024.
- GIVÓN, Talmy. **On understanding grammar**. New York: Academy Press, 1979.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **Halliday's introduction to functional grammar**. 4. ed. New York: Routledge, 2014.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969.
- KENEDY, Edward; MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano (Org.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2003. p. 17-28.
- LABOV, William. O estudo da língua em seu contexto social. In: **Padrões sociolinguísticos**. Trad. M. Bagno et al. São Paulo: Parábola, 2008. p. 215-299.
- LABOV, William. **Principles of linguistic change**. Vol. 2: Social factors. Oxford, UK/Cambridge, MA: Blackwell, 2001.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano; ALONSO, Karen Soares. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, E. R. (Org.). **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. Vol. 1. São Paulo: Contexto, 2012. p. 87-106.

NEVES, Maria Helena de Moura. Estudos funcionalistas no Brasil. **D.E.L.T.A.**, v. 15, nº especial, 1999. p. 70-104. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/delta/a/VVfY8GmpxHn7V9xk7Khdfkf/>. Acesso em: 31 ago. 2024.

PRETI, Dino. **Sociolinguística. Os níveis da fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira**. 4. ed. rev. e mod. São Paulo: Cultrix, 1982.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2000.